



O COSMOS CARMELITA, DO
«NADA» DO MONTE CARMELO
DE COLARES AO «TODO» DO
ESCUDO DE ARMAS

LEITURAS ANTROPOLÓGICAS E
INSTITUCIONAIS DO SÉCULO XVI

Nuno CAMPOS

Resumo

A partir da realidade da ausência de heráldica carmelita no Convento de Santana em Colares, pretende-se analisar o significado deste vazio e a sua inserção na mensagem do brasão carmelita no século XVI.

Palavras-chave: Colares - Carmelita - Heráldica - Humanidade – Memória

Abstract

From the reality of the absence of heraldry in Carmelite Convent of Santana in Colares, we intend to analyze the meaning of emptiness and its insertion in the message of the Carmelite coat in the sixteenth century.

Key words: Colares - Carmelita - Heraldry - Humanity – Memory

O COSMOS CARMELITA, DO «NADA» DO MONTE CARMELO DE COLARES AO «TODO» DO ESCUDO DE ARMAS

LEITURAS ANTROPOLÓGICAS E INSTITUCIONAIS DO SÉCULO XVI

Nuno CAMPOS¹

1. Apresentação de Colares

No plano administrativo-político, ao longo dos séculos XVII e XVIII, a vila de Colares foi a sede de um concelho, descrita pela sua localização num vale virado a ocidente da Serra de Sintra e com a área do seu concelho a ir até ao litoral (LEÃO, 2002: 163; COSTA, 1712: 46; SANTA ANNA, 1751, II: 85-86). Por outro lado, no plano económico local e regional, Colares e o seu concelho sempre se caracterizaram pela produção frutícola variada ao longo de todo o ano, como já o demonstrava um documento dionisino, onde aparece chamada de “pomar de Colares” (*Foral de Colares*, 2001: 101; 105), com Lisboa a ser o principal mercado (LEÃO, 2002: 163; OLIVEIRA, 1620, fl. 79v; COSTA, 1712: 46; SANTA ANNA, 1751, II: 87).

Outro dado que reforça a ideia da importância de Colares tem a ver com o crescimento populacional, atentando-se às várias informações obtidas a partir

¹ Historiador/Mestre em Estudos de Património/Heraldista.

das menções a “fogos”, “vizinhos” e “pessoas” (LEÃO, 2002: 163; OLIVEIRA, 1620: fl. 74v; COSTA, 1712: 46; FREIRE, 1737: 113; ANTT, *Memórias Paroquiais (1728-1832), Dicionário Geográfico de Portugal*, Tomo 11, C4).

2. Colares carmelita

É neste concelho e próximo à sua sede administrativa que se encontrava o convento de frades carmelitas calçados consagrado a Santa Ana, construído num terreno de sesmaria oferecido por um casal, localizado “no lugar, que chamão a Boca da Mata, partindo com a quinta de Milides para a parte Oriental, e para a Occidental com a serra” (SANTA ANNA, 1751, II: 97)², “em hum sitio, ainda que deserto, tão ameno, e delicioso” (SANTA ANNA, 1751, II: 114). A sua fundação é de 1457, como a maioria das fontes assim o indicam (COSTA, 1712: 47; FREIRE, 1737: 113; SANTA ANNA, 1751, II: 97), embora João Bautista de Castro aponte o ano de 1450 para a sua fundação, referindo-se, neste caso, à primeira tentativa que houve de uma construção, próximo a Nafarros (CASTRO, 1763: 73). Em 1528, estavam finalizadas as obras e, em 1617, era tornado convento eremítico da Província [«Carmelita (Ordem) – 2. História: b) Portugal», in *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, Edição Século XXI, n.º 6, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1998, col. 5].

Esta localização, naturalmente, também foi destacada pelos cronistas carmelitas, no que poderá caracterizar-se por geografia mística, encontrando traços familiares entre a Serra de Sintra e o Monte Carmelo, ambos uma via para Deus:

«(...) edificado em hum tão delicioso, e aprazível monte, mas por serem os seus habitadores semelhantes aos primitivos da Palestina, em tudo era, como parecia, trasumpto do Carmelo» (Santa Anna, 1751, II: 131), fazendo com « (...) que o verdadeiro Religioso [levantasse] o pensamento ao Ceo, e o [conservasse] unido continuamente com Deos» (SANTA ANNA, 1751, II: 116).

²Antes deste convento, houve uma tentativa de construção no Casal da Torre, próximo de Nafarros, termo de Sintra, abandonada devido ao clima rigoroso e a ser um terreno inóspito (SANTA ANNA, 1751: 91; 96).

3. O significado institucional de um convento sem símbolos carmelitas

Fr. José Pereira de Santa Ana pode ser considerado como o cronista principal da Ordem Carmelita em Portugal ao longo de todo o século XVIII, como o demonstram os textos das várias licenças dadas para a publicação da sua *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia Nestes Reynos de Portugal, Algarves e seus Dominios*, composta de dois tomos e onde é feita a história da fundação e a descrição dos quatro primeiros conventos da ordem, Moura (1250), Lisboa (1389), Colares (1457) e Vidigueira (1495).

Destes conventos, os dois primeiros são os únicos em que aparecem referidos como tendo elementos simbólicos identificativos com a ordem: no convento de Moura, a encimar a entrada principal da igreja, a existência de um nicho, com a imagem de

«Nossa Mãe Santissima, e Senhora do Carmo (com seu Divino Filho no braço) de admiravel escultura, não obstante ser antiga, e obrada em pedra durissima. Ao pé desta Santa Imagem estão tres letras distinctas na forma seguinte: S.U.Z. Na parte inferior dellas se lê o Elogio: Mater, & decor Carmeli » (SANTA ANNA, I, 1745: 164).

Já quanto ao de Lisboa, ele é o único em que há uma referência clara à heráldica carmelita, com a indicação da localização de representações em dois sítios do edifício: umas, de grandes dimensões, localizadas na capela-mor, no espaço do santuário onde se expunham relíquias, apresentadas como que pedra de fecho do arco da entrada, viradas para o cruzeiro (SANTA ANNA, I, 1745: 590); outras, nos barretes das abóbadas do refeitório (SANTA ANNA, I, 1745: 590). Relativamente aos dois últimos conventos, o de Santa Ana de Colares e o de Nossa Senhora das Relíquias da Vidigueira, ele não menciona a existência de heráldica carmelita ou de outros elementos conotados com a ordem. Já quanto à heráldica de pessoas lá sepultadas, normalmente associada à heráldica de família, em todas as quatro descrições ela aparece (Fr. J. P. de SANTA ANNA, *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular*

Observancia Nestes Reynos de Portugal, Algarves e seus Dominios, Tomos Primeiro e Segundo...).

A existência ou não de representações de armas carmelitas nas quatro casas permite que se façam duas leituras interpretativas. A primeira situa-se no âmbito da heráldica, a significar o fato de, ao longo dos séculos XIV/XV e dentro da família carmelita, pelo menos em Portugal, elas ainda não serem devidamente entendidas como a única forma simbólica identitária e institucional³. A segunda leitura enquadra-se no plano institucional, a destacar o peso hierárquico da casa de Lisboa enquanto sede da ordem no Reino de Portugal.

4. Os primeiros testemunhos da heráldica carmelita

Dentro da ordem, refere-se que a representação heráldica carmelita mais antiga conhecida date de algures do século XV, impressa num desenho que ilumina a página de frontispício da obra *Vida de San Alberto de Sicilia*, de Fr. Juan de Novalaria, publicada em 1499, encimado pela legenda “Vexilvm Carmelitarvm” [<http://escudocarmelitano.blogspot.pt/2006/04/zelo-zelatus-sum-pro-domino-deo.html>

(17.jan.2013)] (Fig. nº 1), uma representação muito próxima à descrição do *Livro do Apocalipse*: «Depois apareceu um grande sinal no Céu: uma mulher revestida de Sol, tendo a Lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça» (*Apocalipse*: 12, 1).

Este desenho, a preto e branco, não apresenta qualquer tipo de sinalética identificativa de cromatismo. O escudo é amendoado e mantelado, tendo, em chefe, uma Nossa Senhora coroada de estrelas, sentada, com o Menino ao colo, e com os pés assentes num escabelo em forma de crescente virado para cima. Dois tenentes, a dextra e a sinistra, sustentam o escudo. Raios nimbam

³ Possivelmente como forma de tentar provar a antiguidade oficial das armas carmelitas e delas em Portugal, Fr. José Pereira de Santa Ana, com base em “*pinturas antigas*”, mas sem indicar quais, recua o seu uso ao início do século XIV, no escudo do Bispo da diocese da Guarda e Lamego, D. Fr. Vasco Martins de Alvelos († 1313), primeiro carmelita eleito para aquele cargo (SANTA ANNA, 1745, I: 223-225).

todo o emblema, saindo aparentemente por trás do escudo. Encimam o escudo listéis seguros pela Senhora e pelo Menino, com inscrições latinas de lemas alusivos à ordem: a dextra, *Svm Mater et Decor Carmeli* e, a sinistra, *Elias et Elisevs Proph. Dvces Carmelitarvm*. Fr. Simão Coelho apresenta-a como divisa (COELHO, 1571: 179). É de referir que esta representação de Nossa Senhora com lema está próxima da imagem que encima a entrada da igreja do convento carmelita de Moura e que o cronista carmelita José Pereira de Santa Ana descreve (SANTA ANNA, 1745: 164).

4.1. A apresentação portuguesa mais antiga da heráldica carmelita

A fonte é datada da segunda metade do século XVI, da autoria do carmelita calçado Fr. Simão Coelho, editada em 1571.

Com base nela, conhecem-se duas representações das «Armas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo» [Legenda que encima o desenho (COELHO, 1751)], uma em desenho (Fig. n.º 2) e outra em texto, identificada por

«(...) hum escudo, quarteado de branco & preto: & no meo do escudo em iguaes partes duas Estrellas o escudo quasi todo branco,& no fundo hũa mostra preta, de modo que ficam as duas partes do escudo parecendo duas asas. Este escudo tem a orladura escaqueada de branco & preto a maneira de triangulos, (...). Sobre todo elle hũa Coroa Real muy grande. E sustentam dous Anjos este escudo com as mãos. Tem esta mesma Religiam por diuisa nossa Senhora madre de Deos sempre virgem Maria, com mos pees em hũa nuenzinha em postura que sobe, com hum Rotulo que diz – Datus Est ei Decor Carmeli & Saron»⁴.

⁴ COELHO, 1751: «Cap. 18. Tratase nelle das armas & insinias da Religiam de nossa Senhora do Carmo», p. 179; tradução da divisa: «[Foi-lhe dada] a formosura do Carmelo e do Saron» (*Isaias*: 35, 2).

4.2. As peças e os esmaltes principais e suas mensagens

4.2.1. A bordadura, o branco/prata e o negro

No plano simbólico-memorial, o carmelita Simão Coelho explica as conotações existentes com a Ordem: os esmaltes branco/prata e negro do campo do escudo associados às vestes dos monges, o primeiro à capa e o segundo ao hábito (COELHO, 1751: 179). Por seu lado, a antiguidade da Ordem também está patente na bordadura escaqueada com aqueles dois esmaltes, a remeterem para os fundadores da Ordem (COELHO, 1751: 182), Elias e Eliseu, e para o que eles vestiam (COELHO, 1751: 182).

Num outro patamar da simbologia, dos dois carmelitas, Frei Simão Coelho é mais profundo na interpretação que fez. Estes esmaltes são apresentados como a «imagem de marca» da Ordem – “Cores muy convenientes a esta Religião” (COELHO, 1751: 179) – e refletidos na sua vertente humana, num misto entre a psicologia e a espiritualidade, com o branco/prata a significar a pureza de N^a Sr^a do Carmo e dos anjos, porque figuras intercessoras entre a Humanidade e Deus (COELHO, 1751: 179-180), e o negro a honestidade da Ordem e que os seus membros devem ter (COELHO, 1751: 180):

«(...) o vestido (...), no qual [acharão] a obrigação que [têm]. *scilicet*. na capa a viuer limpa & castamente, & no habito a dar *com* honestidade exemplo aos próximos, a que [têm] obrigação de edificar per razam do estado em que [vivem]» (COELHO, 1751: 182).

4.2.2. A geografia carmelita, o branco/prata e o negro

Quanto ao mantelado de branco/prata, tanto Fr. Simão Coelho fala dele e da sua mensagem simbólica, relacionada com a aliança eterna entre Deus e os homens – «Arca do Testamento, não do velho senam do nouo» (COELHO, 1751: 190), ao valorizá-lo enquanto elemento meteorológico – uma nuvem – que avança do mar para terra e que a cobre, o que é fator para a criação de condições de sobrevivência e de esperança (COELHO, 1751: 189). A terra é

representada pela simbologia da cor negra, porque associada ao espaço montanhoso de Haïfa, em Israel⁵, onde, na História, Deus e Elias se relacionaram e que se tornou, espiritualmente, a pátria carmelita:

«Pera demostrar o mesterio que vio (...) Helias no monte do Carmo, quando auendo grande esterilidade sobre a terra de Israel pelo nojo que Deos tinha de seus pecados a rogo daquele padre concedeo a chuua» (COELHO, 1751: 189).

4.2.3. As estrelas, o ouro e a prata/branco

Estes metais, em primeiro lugar, são apresentados ao nível da simbologia espiritual e psicológica, como sinónimos de exemplo de vida que cada membro de Ordem deve dar, tornando-se, assim, brilho da Ordem e luz para os outros (COELHO, 1751: 182).

Além desta leitura e já numa associação com as estrelas, há uma relação conotativa à simbologia histórico-bíblica, com a sua identificação aos profetas/fundadores da Ordem do Carmelo, Elias e Eliseu. Para o Fr. Simão Coelho, eles estão identificados com as duas estrelas de ouro: «metal mais precioso que todos os outros, pera denotar a alteza da contemplação & perfeçam da vida a que sam obrigados» (COELHO, 1751: 182-184).

Já ao nível da história da Ordem Carmelita, as estrelas de ouro estão apontadas como símbolos institucionais da presença carmelita, uma na zona do Mediterrâneo Oriental e outra na zona do Mediterrâneo Ocidental. Dentro de cada uma destas duas áreas geográficas, elas identificam-se humanamente com o clero secular ou o regular, direta ou indiretamente ligados com os Carmelitas. No Mediterrâneo Oriental, são apontados dois Cirilo: o primeiro, do século V, o bispo da Alexandria que presidiu ao Concílio de Éfeso realizado em

⁵ «CARMES», in Agnès Gerhards, *Dictionnaire Historique des Ordres Religieux*, sl, Librairie Arthème Fayard, 1998: 125; zona montanhosa a sul da baía de São João de Acre e a finalizar num promontório junto ao Mediterrâneo, entre a Samaria e a Galileia, caracterizando-se pela existência de grutas (cf. «Carmelo», in *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira...*, col. 10).

431 (COELHO, 1751: 182-183), e que trabalhou para que Maria fosse consagrada como Mãe de Deus⁶; o segundo Cirilo, este, monge carmelita, do século XIII, é identificado como sendo o terceiro Geral da Ordem e o segundo depois da aprovação das Regras, dadas em finais do século XII ou princípios do XIII pelo Patriarca de Jerusalém, Alberto⁷. Já na parte do Mediterrâneo Ocidental, são apresentados dois carmelitas sicilianos, ambos também do século XIII, Ângelo⁸ e Alberto⁹, sendo justificadas as suas menções pelos seus exemplos de vida, o primeiro como mártir e o segundo pelos “seus merecimentos” (COELHO, 1751: 183; ao longo desta explanação, ele nomeia outros exemplos de religiosos).

4.2.4. A coroa real e o ouro

E são todos estes exemplos de vida cristã que, para Fr. Simão Coelho, justificam o prémio de uma coroa real de ouro quer para a Ordem enquanto símbolo de uma família, quer para cada um dos seus elementos, pela honestidade havida e pelos testemunhos dados em vida, o que constitui motivo para a receberem no «Reino de Deos» (COELHO, 1751: 184). Assim, a coroa de ouro também tem uma finalidade pedagógico-catequética, ao lembrar a cada um «(...) a gloria & bemaumentança que se dara a quele que pela fee de

⁶ Anne Carr aponta para que o culto a Maria tenha tido início no século IV (cf. ANNE CARR [1994/1995]: 268; já Hans Küng sugere que este culto se tenha começado a dar entre os séculos III e IV, localizando-a na zona oriental mediterrânica, por ser o mundo herdeiro do culto das deusas-mãe, com origem na Ásia Menor (cf. HANS KÜNG, 2002: 423); ainda de acordo com Hans Küng, a oficialização teológica deste princípio mariano só era possível em Éfeso, a cidade onde se cultuava a «Grande Mãe», identificada com as deusas Artémis ou Diana (*Ibidem*).

⁷ No ano de 1195, de acordo com Coelho (cf. 1751: frontespício e 183), ou entre 1205 e 1214, os anos da governação daquele patriarca («CARMES», in A. Gerhards, *Dictionnaire Historique des Ordres...*, p. 125).

⁸ Sepultado em Alicante da Sicília (cf. *Ibidem*); no Capítulo Geral da Ordem realizado em 1498, foi aprovada a sua festa [cf. LÓPEZ-MELÚS (Carmelita), carmelnet.org/chas/santos/angel2.htm – 1.mai.2013].

⁹ Natural de Trapani, na Sicília, onde está sepultado (cf. COELHO, 1751: 183); em 1296, foi eleito provincial da Ordem na Sicília, e morreu em 1307; a festa em sua honra foi autorizada por bula do papa Sisto IV, em 1476 (cf. LÓPEZ-MELÚS, «San Alberto de Sicilia presbitero» (carmelnet.org/chas/santos/albet2.htm – 1.mai.2013).

Christo trabalhar na quillo que em sua Regra lhes he mandado, na significação do escudo» (COELHO, 1751: 186).

4.3. Da antiguidade das armas à sua institucionalização

De acordo com Fr. Simão Coelho, não há possibilidades de se conhecerem as raízes históricas das armas, o que é explicado por «(...) não [se achar] quem [foi] o primeiro que as recebo, ou inventou, ou as deu» (COELHO, 1751: 179).

Não deixa de ser curioso que ele não fale da emblemática heráldica contida na obra de Fr. Juan de Novalaria. Se esta lacuna pode entender-se devido a um possível desconhecimento da sua existência, também pode explicar-se por ela não ser considerada com carácter oficial a toda a ordem, embora com significado institucional identitário pela história e simbologia carmelita lá contida.

Apontadas por Fr. Simão Coelho como as armas verdadeiras, no entanto, a sua institucionalização torna-se difícil de estabelecer, até porque, entretanto, surge um ramo que vai dar impulso à família carmelita, apresentado-a com outras armas, idênticas nalguns elementos, diferentes noutros. Fala-se da Ordem Carmelita Descalça.

A questão central poderá encontrar-se na evolução interna do escudo: pela permanência da partição do escudo – o mantelado – e o significado histórico-catequético dado; pela retirada de elementos heráldicos primitivos, como foi o caso da representação antropomórfica de Nossa Senhora, mas que lá permaneceu, agora conotada com o metal que ilumina o mantelado (prata/branco) e pela introdução de novos elementos como foram as estrelas, com o simbolismo histórico-bíblico que lhe foi dado.

5. Conclusão: Uma leitura da simbologia antropológico-teológica das armas carmelitas

Das explicações dadas por Fr. Simão Coelho quanto à simbologia das armas carmelitas, dois conceitos estão presentes, um geográfico e outro temporal.

Historicamente localizado no Monte Carmelo, por ser o espaço conotado com o nascimento da Ordem e da sua designação, num tempo que é datado com a vida de Elias e Eliseu, sociologicamente, estes conceitos vieram a ser ampliados nas suas dimensões, com o espaço carmelita a ser considerado qualquer local onde se encontre uma comunidade da ordem, como é o caso de Colares e o tempo a ganhar a noção de intemporalidade, ou seja, existindo, ontem, como hoje, uma comunidade carmelita, assim as armas fazem sentido pela mensagem simbólica que transmitem. Estas são, assim, a memória de algo que se perpetua no tempo e que, à sua maneira e à sua escala, vai contribuir para a identidade de um espaço e das pessoas que o habitam

Desta forma, pode, assim, dizer-se que, porque as armas nunca perdem atualidade, elas entram numa outra dimensão espacial e temporal, intimamente relacionadas com o fator psicológico, seja ele a título individual, seja ele a título coletivo, tendo como pano de fundo uma mensagem de libertação.

Fr. Simão entende a razão de ser das armas carmelitas nas dimensões do indivíduo/religioso carmelita em relação com a instituição e a sociedade. Numa perspetiva trinitária, ele apresenta o homem/monge antropológicamente formado de três elementos, aqui apresentados numa escala evolutiva, o elemento físico/institucional, o elemento espiritual e, por fim, o elemento divino, com cada um destes elementos a ser representado heraldicamente. O escudo é o homem/carmelita e os esmaltes – negro (a honestidade dele consigo mesmo e com os outros), o branco/prata (a santidade que pode alcançar) e o ouro (a nobreza de alguém que vive junto a Deus) – que iluminam os

elementos simbólicos que o compõem, eles representam aquelas três dimensões.

Mas o homem/carmelita precisa de quem o ajude na sua caminhada. Nas armas carmelitas, encontram-se os tenentes de branco/prata, que amparam o escudo (COELHO, 1751), ou seja, os Anjos que intercedem junto a Deus por ele, cada um deles a simbolizar o amor a Deus e o amor ao próximo (COELHO, 1751).

A santidade do homem/carmelita é alcançada por Deus, representada nas armas pela coroa real de ouro, sinónimo da sua vivência junto do «Senhor Deus» e reconhecida pela comunidade/sociedade.

Bibliografia

ANTT, *Memórias Paroquiais (1728-1832), Dicionário Geográfico de Portugal*, Tomo 11, C4.

Bíblia Sagrada, 11.^a ed. – (1984). Lisboa: Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos).

CARR, Anne [1994/1995] – *A Mulher na Igreja*. Sl: Círculo de Leitores.

CASTRO, João Bautista de (1763) – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, Tomo Segundo, Parte III e IV, 2.^a Ed. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luís Ameno.

COELHO, Frei Simão (1751) – *Compendio das Chronicas da Ordẽ de Nossa Senhora do Carmo*. Sl: Antonio Gonçalvez.

COSTA, Pe. António Carvalho da (1712) – *Corografia Portugueza, eDescripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal*, Tomo Terceiro. Lisboa: Officina Real Deslandesiana.

Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura – Edição Século XXI (1998), n.º 6. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, col. 5.

CHORÃO, Maria José Bigotte e GONÇALVES, José Manuel (2001) – *Foral de Colares* (concepção e direção de Eugénio Montoito). Sintra: Câmara Municipal de Sintra.

FREIRE, António de Oliveira (sd) – *Descripçam Corografica do Reyno de Portugal*. Lisboa Occidental: Officina de Miguel Rodrigues.

GERHARDS, Agnès (1998) – *Dictionnaire Historique des Ordres Religieux* sl: Librairie Arthème Fayard.

<http://escudocarmelitano.blogspot.pt/2006/04/zelo-zelatus-sum-pro-domino-deo.html>

(17.jan.2013).

JESUS, P. F. Tomás de (1599) – *Livro de la Anteguedad, y Sanctos de la Orden de nuestra Señora del Carmen: y de los especiales Priuilegios de su Cofraria*. Sl: Casa de Andres Renaut.

KÜNG, Hans (2002) – *O Cristianismo. Essência e História*. Sl: Círculo de Leitores.

LEÃO, Duarte Nunes do (2002) – *Descrição do Reino de Portugal*, Coleção Clássicos da Historiografia, 3, 3.^a ed. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa.

LEOINDELICATO, Fr. Egidio (1741) – *Jardim Carmelitano, Historia Chronologica, e Geografica. Noticias Sagradas, Domesticas, e Estranhas de vários sucessos da religião Carmelitana, Novamente cultivado, traduzido, e addicionado no idioma Lusitano pelo M.R.P.M. Fr. Estevam de S. Angelo*, Primeira Parte. Lisboa Occidental: Regia Officina Sylviana, e da Academia Real.

LEOINDELICATO, Fr. Egidio, *Jardim Carmelitano, Historia Chronologica, e Geographica. Noticias Sagrada, Domesticas, e Estranhas de vários Successos da Religião Carmelitana. Oferecido a S. Joseph, Primeiro Protector dos Carmelitas*, Traduzido e adicionado no idioma Lusitano pelo M. R. P. M. Fr. Estevam de S. Angelo, Terceira Parte, Lisboa Occidental, Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1741.

LÓPEZ-MELÚS, Pe. Rafael Maria (Carmelita), *Los Santos Carmelitas* - «San Angel de Sicilia presbitero» (carmelnet.org/chas/santos/angel2.htm – 1.mai.2013).

LÓPEZ-MELÚS, Pe. Rafael Maria (Carmelita), *Los Santos Carmelitas* - «San Alberto de Sicilia presbitero» (carmelnet.org/chas/santos/albet2.htm – 1.mai.2013).

MALDONADO, Fray Diego de Coria (1591) – *Manual de las Beatas y Hermanos terceros, de la horden de la siempre Virgen, y madre de Dios, santa Maria del monte Carmelo*. Sevilla: Fernando de Lara.

MALDONADO, Fray Diego de Coria (1598) – *Dilucidario y Demonstracion de las Chronicas y Antigvedad del Sacro Orden de la Siempre Virgen Madre de Dios Sancta Maria del Monte Carmelo*. Cordova: Casa de Andres Barrera.

OLIVEIRA, Fr. Nicolau de (1620) – *Livro das Grandezas de Lisboa*. Lisboa: Jorge Rodrigues.

SÁ, Fr. Manoel de (1724) – *Memorias Historicas dos Illustrissimos Arcebispos, Bispos, e Escritores Portugueses da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, reduzidas a Catalogo Alfabético*. Lisboa Oriental: Officina Ferreyrenciana.

SANTA ANNA, Fr. José Pereira de (1745) – *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia Nestes Reynos de Portugal, Algarves e seus Dominios*, Tomo Primeiro. Lisboa: Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram.

SANTA ANNA, Fr. José Pereira de (1751) – *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia Nestes Reynos de Portugal, Algarves e seus Dominios*, Tomo Segundo. Lisboa: Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram.

ARMAS CARMELITAS

Século XV



Fig. nº 1 - Frontispício do emblema que ilustra o frontispício da *Vida de San Alberto de Sicilia*

(Fonte: Fr. Juan de Novalaria, *Vida de San Alberto de Sicilia*, 1499 – in <http://escudocarmelitano.blogspot.pt/2006/04/zelo-zelatus-sum-pro-domino-deo.html> - 17.jan.2013)

Século XVI



Fig. nº 2 – Desenho das armas carmelitas segundo Fr. Simão Coelho

(Fonte: Frei Simão Coelho, *Compendio das Chronicas da Ordẽ de Nossa Senhora do Carmo*, sl, Antonio Gonçalvez, 1571)